

ARAÚJO, C. L. de A. *A Poesia Bucólica em Nemesiano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

BAYET, Jean. *Littérature latine*. Paris: Armand Colin, 1965.

BELLESSERT, André. *Virgilio su obra y su tiempo*. Madrid: Editorial Tecnos, 1965.

BRANDÃO, J. de S. *Os Idílios de Teócrito e as Bucólicas de Virgílio*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

BRISSON, Jean-Paul. *Virgile son temps et le nôtre*. Paris: François Maspero, 1980.

CARDOSO, Zélia de Almeida. *Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

CARVALHO JÚNIOR, Antonio Augusto de. *A Expressão Poética Dialeto de Teócrito em As Siracusanas*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro. UFRJ. 1990.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1999.

CONTE, Gian. *Virgilio il genere e i suoi confini*. Milano: Garzanti Editore, 1984.

FARIA, Ruth J. de. *Aspectos Lexicais e Estilísticos do Bucolismo Vergiliano*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.

GUILLEMIN, A.M. *Virgílio poeta, artista, y pensador*. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1968.

LECLERCQ, R. *Les principes de la poetique virgilienne*. Révue des études latines. Paris: Sociéte d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1994.

LESKY, Albin. *História de La Literatura Griega*. Versión española de José Maria Díaz Regañon y Beatriz Romero. Madrid: Editorial Gredos, S. A.

LOUPIAC, Annie. *Le Labor chez Virgile: Essai d'interprétation*. Révue des études latines. Paris: Sociéte d'Édition << Les Belles Lettres >>, 1993.

MENDES, João Pedro. *Construção e Arte das Bucólicas de Virgílio*. Coimbra: Livraria Almedina, 1997.

PARATORE, Ettore. *História da Literatura Latina*. Trad. de Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulgenkian, 1983.

PERRET, Jacques. *Virgile*. Bourges: "Ecrivains de Toujours" aux éditions du seuil, 1959.

SERRIS, Jacqueline Fabre. *Jeux de modèles dans l' Alexandrinisme romain: les hommages à Gallus dans la Bucolique X*. In: Revue des Études Latines. Paris: Sociéte D'Édition "Les Belles Lettres", 1996.

## O EROTISMO EMBUCHANAN

Francisco de Assis Florêncio - UERJ

Resumo:

O presente ensaio pretende analisar um poema de teor erótico, *In Leonoram*, de composição do célebre humanista escocês George Buchanan. Como já é notório, o Renascimento foi um grande celeiro de poetas que se dedicaram ao estudo, tradução e composição de textos em latim. Poetas como Horácio, Catulo, Virgílio e outros serviam de fonte de inspiração para os humanistas e estavam sempre presentes em seus textos. Nesta atmosfera, não seria de se estranhar que o poema sobre o qual vamos nos debruçar fosse composto segundo os ditames dos textos clássicos, bem como estivesse repleto de alusões e transcrições de autores latinos, sendo ouvidos, assim, através da pena do vate escocês, os ecos da camena clássica.

Palavras-chave: Buchanan, Renascimento, erotismo.

O poeta renascentista George Buchanan, considerado um dos maiores latinistas do século XVI, e por isso chamado por alguns contemporâneos seus de *Poetarum nostri saeculi facile princeps*, foi um eminente humanista escocês (1506-1582) que, em 1547, recebeu um convite para lecionar, juntamente com outros humanistas estrangeiros e portugueses, no Colégio das Artes, fundado em 1548 por D. João III e dirigido por André de Gouveia. Porém, cerca de um ano depois, ele e outros mestres bordaleses foram levados à inquisição em Lisboa, sob acusação de heresia e de suspeitos na fé. Mesmo após ter sido absolvido da acusação, Buchanan permaneceu recluso durante seis meses no mosteiro de São Bento, em Xabregas, onde veio a escrever uma grande parte daquela que seria considerada, não apenas no século XVI, mas até hoje, sua obra prima: *Psalmorum Davidis Paraphrasis Poetica*. Além desta obra, o solo português também lhe serviu de fonte de inspiração para a composição de cerca de 20 poemas elegíacos de teor erótico, que versam sobre duas prostitutas, Leonora e sua mãe Peiris, e onde se ouve constantemente os ecos de muitos autores clássicos. A fim de mostrar um pouco do *ingenium* deste poeta, escolhemos um poema que retrata bem o *modus vivendi* destas prostitutas que circulavam por Coimbra no tempo de Buchanan. Vamos a ele.

*In Leonoram*

*Sicine de nostra numquam egrediēre culina, 1*  
*Pinguibus et fies semper amica coquis?*  
*Utque coquum coquus expellit, fit protinus heres*  
*Succesorque tuo fit nova praeda toro.*  
*Iamque etiam hesternas deglubere coeptat ofellas, 5*  
*Crescit et in mores filia parva tuos;*  
*Lingit et argentes concreto iure patellas,*  
*Nudaque ieiunae praeripit ossa cani.*  
*Sic tener et firmis nondum satis unguibus ursus*  
*Magnanimo lambit vulnera facta patri. 10*  
*Munus obire potest, Leonora, decentius istud*  
*Longaeva senior cana parens Hecuba,*  
*Efferat annosos rabies cui spumea rictus,*  
*Et latrat, patulo dum cupit ore loqui;*  
*Et stipis exiguae si spes accessit, adulat, 15*  
*Nec quicquam in dura fronte pudoris habet.*  
*Illa analecta legat, dentes illi ossa fatigent,*  
*Cum canibus certet de dape paene canis:*  
*Tu iuvenum potius validis obnitere nervis,*  
*Et facie atque annis concipe digna tuis. 20*  
*Filia parva aviam spectet matremque et utrimque*  
*Spem capiat vitae consiliumque suae.*

### TRADUÇÃO

Contra Leonora

Então, nunca sairás de nossa cozinha, e tornar-te-ás sempre amante de cozinheiros gordos? Assim que um cozinheiro expulsa outro, logo aparece um herdeiro e o sucessor torna-se uma nova presa em tua cama. E agora a tua filha também começa a se alimentar dos restos de ontem, e cresce segundo os teus costumes. Ela lambe os pratos frios com molho endurecido, e rouba de um cão esfomeado ossos magros. Tal qual um tenro urso, cujas unhas ainda não estão muito firmes, lambe as feridas feitas pelo magnânimo pai. As cãs de tua mãe, Leonora, que são mais antigas do que a longeva Hécuba, podem executar esta tarefa de maneira mais conveniente, pois a sua boca espumosa torna feroz sua antiga raiva e

late, quando deseja falar com a boca escancarada. E se a oportunidade de obter um exíguo ganho aparece, ela se mostra afetuosa, pois não tem, na impudente face, nenhum tipo de pudor. Que ela, como uma criada, recolha os restos; que os ossos fiquem seus dentes e que, quase como um cão, lute com outros cães por uma refeição. Antes preferes apoiar-te sobre os fortes nervos dos jovens, e conceder-lhes coisas dignas da tua face e dos teus anos. Que a tua pequena filha observe a avó e a mãe, e, de ambas tome esperança e conselho para a sua vida.

### COMENTÁRIOS

A pessoa a quem o poema é direcionado, Leonora, cuja existência é uma incógnita, era uma prostituta que, juntamente com sua mãe, corrompia a juventude coimbrã, conforme acentua o próprio Buchanan:

“... Vos Conimbricae scholae

Acopuli, iuventutis lues...”

(Iambi 2.29-30)

Logo no primeiro verso, encontramos uma reminiscência de um autor latino, Plauto, pois a linha inicial deste poema traz à lembrança as primeiras linhas da *Mostellaria*: “*exi e culina ...; egredere ...ex aedibus.*”

Conforme se verifica nos quatro primeiros versos, não era apenas a juventude coimbrã que recebia os favores de Leonora, mas também se encontrava em sua lista pessoas rudes como os cozinheiros. Estes favores eram trocados, não apenas por dinheiro, mas também e, principalmente, por comida. A presença de “cozinheiros”, nos primeiros versos, faz-nos recordar que, na comédia latina, o *coquus* era uma figura digna de gracejos e zombaria.

A partir do quinto verso, aparece outra pessoa, a filha de Leonora. O seu nome não é revelado, mas o seu comportamento e as suas atitudes, que se assemelham às da mãe, são descritas até o décimo verso. Encontramos outra citação do comediógrafo latino: “*hesternas reliquias*” (Persa 77). Ainda aqui, encontramos o verbo *deglubere*, que significa “descascar”. Só que neste poema, o poeta escocês o emprega com conotação sexual, indo assim ao encontro de Ausonius, que, nos Epigramata 79. 7, o utiliza para retratar uma mulher masturbando homens. Ausonius, por sua vez, também se inspirou em outro poeta latino, Catulo (58.5), que emprega a forma simples, *glubere*, com a mesma implicação sexual. Embora os

dois poetas tenham servido de fonte para o humanista, o uso do verbo em questão, aqui, parece ir além da atividade supracitada.

O sétimo verso faz-nos recordar Terêncio, Eunuchus 939 (descrição de prostitutas): “quo pacto ex iure hesterno panem atrum vorent”.

A símile encontrada no nono verso teve como fonte de inspiração Estácio, Thebaid 11.29: “rauci tunc comminus ursi./tunc avidi venere lupi, rabieque remissa/lambunt degeneres alienae vulnera praedae.” Fica claro, então, que animais inferiores como ursos e lobos lambem o sangue de animais mortos por outros animais; no contexto em destaque, um leão. Assim, ao fazermos a comparação, o jovem urso representa Leonora e o leão, sua mãe. A posição métrica de unguibus ursus parece ser uma reminiscência do poeta Ovídio (Metamorfoses 10. 540): “unguibus ursos”.

Do décimo primeiro verso ao vigésimo, após censurar Leonora por permitir que sua filha enverede pelo caminho da prostituição, o poeta começa a retratar outra prostituta, Peiris, a avó da *puella* até então comentada. Ela é descrita como uma mulher velha, de cabelos brancos, que, na condição de prostituta, não mede esforços para, como um cão raivoso que luta com outros cães, conquistar sua presa e devorá-la por meio de sua vasta experiência.

Ao empregar o sintagma *cana parens* (v. 12) para comparar a mãe de Leonora, Peiris, a Hécuba, o poeta intenta destacar duas semelhanças entre elas: a primeira diz respeito à senectude, já que Hécuba era conhecida por sua longevidade; a segunda semelhança diz respeito ao tipo de animal a que ambas são comparadas, um cão, uma vez que em Ovídio (Metamorfoses 13.568) a mãe de Heitor se transforma em uma cadela: “rictuque in verba parato/latravit conata loqui”.

O verbo *Adulant* (v.15) também serve para reforçar e associar a figura da prostituta à de um cão, pois este verbo é empregado em Lucrécio (5.1070) para se referir especificamente a este animal, uma vez que o cão tem por característica adular as pessoas em troca de alguma coisa.

A imagem retratada nos versos 17 e 18, — a sugestão, por parte do poeta, de que Leonora deixe a alguém mais apropriado, a sua mãe, a tarefa de realizar o trabalho sujo, isentando, assim, a sua filha de o realizar —, parece ter sido inspirada no poeta Marcial (7. 20.16):

“colligere longa turpe nec putat dextra/analecta quidquid et canes reliquerunt”.

No décimo nono verso, encontramos a expressão *obnitere nervis*, que possui uma forte carga de teor sexual, uma vez que em Horácio (Epod. 12, 19), *nervus* é empregado para designar o *membrum virile*.

O verbo *concipe* (v. 20) também se encaixa perfeitamente no que foi dito no parágrafo anterior, pois um dos seus significados é “fecundar ou ser fecundado”, significado este bastante plausível com o contexto deste poema.

Nos dois últimos versos, o vate, por meio do optativo, almeja que a filha de Leonora perceba as vicissitudes do caminho traçado pela mãe e pela avó e enverede por um caminho menos árduo.

#### BIBLIOGRAFIA

- AUSONIUS. *Poems*. Translated by H. G. Evelin-White. London, Loeb Classical Library, 1990.
- CATULLUS. *The poems of Gaius Valerius Catullus*. Translated by F. W. Cornish. London, Loeb Classical Library, 1995.
- FORD, Philip J. *George Buchanan: Prince of the poets*. Great Britain, The University Aberdeen, 1982.
- HORACE. *Oeuvres Complètes*. Texte établi, traduit, préface et annoté par François Richard, Paris, Librairie Garnier Frères, 1950.
- Leonora and Neaera: a consideration of George Buchanan's Erotic Poetry*, BHR, XL (1978), 513-24.
- LUCRETIUS. *On the nature of the things*. Translated by W. H. D. Rouse. London, Loeb Classical Library, 1992.
- MARTIAL. *Epigrams*. Translated by D. R. Shackleton Bailey. London, Loeb Classical Library, 1993.
- OVID. *Metamorphoses*. Translated by Frank Justus Miller. London, Loeb Classical Library, 1994.
- PLAUTUS. *The Pot of Gold and other plays*. Translated by E. F. Watling. London, Penguin Classics, 1986.
- SANTOS, Domingos Maurício Gomes dos. *Buchanan e o ambiente coimbrão no século XVI*. Coimbra, Humanitas, XV e XVI (1963-4), 256-327.
- STATIUS. *Thebaid*. Translated by J. H. Mozley. London, Loeb Classical Library, 1989.
- TÉRENCE. *Comédies*. Texte établi et traduit par J. Marouzeau. Paris, Librairie Garnier Frères, 1947.